

À SOMBRA DO SERROTE: LOCAL DA MORTE DO BANDOLEIRO JOSÉ CAETANO DE MORAIS EM 1851¹

IN THE SHADOW OF THE SAW: PLACE WHERE BANDIT JOSÉ CAETANO DE
MORAIS DIED IN 1851

SAMUEL ALBUQUERQUE²

Resumo

Este trabalho versa sobre pesquisas que tiveram como resultado a identificação do local da morte do bandoleiro alagoano José Caetano de Moraes, filho homônimo do padre Moraes, vigário e líder conservador de Palmeira dos Índios (Alagoas) nos anos 40 do século XIX. Após uma longa perseguição capitaneada por Apolinário Florentino de Albuquerque Maranhão, coronel da Legião das Guardas Nacionais de Garanhuns (Pernambuco), o temido bandoleiro foi capturado e morto, em agosto de 1851, à sombra do serrote que ainda leva o seu nome, o Serrote do Moraes, nas cercanias do povoado Capim Grosso, em Canindé do São Francisco, Alto Sertão de Sergipe. A perseguição, captura e morte do “último Moraes” encerrou um sangrento conflito de origem política, envolvendo familiares do religioso alagoano e membros de um ramo sertanejo da poderosa família Cavalcante, de Pernambuco.

Palavras-chave: História, Banditismo, Irmãos Moraes.

Abstract

This work deals with research that resulted in the identification of the place of death of the bandit from Alagoas, José Caetano de Moraes, the namesake son of Father Moraes, vicar and conservative leader of Palmeira dos Índios (Alagoas) in the 1940s. After a long pursuit led by Apolinário Florentino de Albuquerque Maranhão, colonel of the Legion of National Guards of Garanhuns (Pernambuco), the feared bandit was captured and killed in August 1851, in the shadow of the saw that still bears his name, the Serrote do Moraes, in the vicinity of the village of Capim Grosso, in Canindé do São Francisco, Alto Sertão de Sergipe. The pursuit, capture and death of the “last Moraes” ended a bloody conflict of political origin, involving relatives of the religious man from Alagoas and members of a backlands branch of the powerful Cavalcante family, from Pernambuco.

Keywords: History, Banditry, Moraes Brothers.

¹ Uma versão preliminar deste trabalho, em formato de série de artigos para imprensa, foi publicada do *Jornal da Cidade*, em Aracaju, e no *Diário de Pernambuco*, em Recife, entre 07 de setembro de 26 de novembro 2024.

² É historiador e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe - UFS. E-mail: samuelalbuquerque@academico.ufs.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6413-0177>.

Em julho de 2017, a Universidade de Brasília (UNB) sediou a 29ª edição do Simpósio Nacional de História, importante evento bianual, realizado pela Associação Nacional de História, a ANPUH. Na ocasião, apresentei o trabalho intitulado “*Uma caçada medonha*”, em simpósio temático coordenado por colegas que atuam na Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, a SEO.

Debruçava-me sobre a perseguição ao bandoleiro José Caetano de Moraes, capitaneada por Apolinário Florentino de Albuquerque Maranhão, coronel da Legião das Guardas Nacionais de Garanhuns, uma peleja que avançou pelos sertões de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Sergipe, em 1851.

Em apertada síntese, explico que a mencionada perseguição pode ser lida no contexto das lutas entre lisos e cabeludos (conservadores e liberais) das Alagoas, entre os anos 40 e 50 do século XIX, conflitos que se espalharam pelos sertões da capitania vizinha, Pernambuco.³

O dito bandoleiro, o “último dos Moraes”, era filho homônimo do padre José Caetano de Moraes, vigário e líder conservador de Palmeira dos Índios, assassinado em 1844, no auge das lutas entre lisos e cabeludos. O coronel Apolinário era irmão do Barão de Atalaia, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, prócere do Partido Liberal nas Alagoas e considerado um dos responsáveis pela morte do religioso.

Os irmãos Lourenço, Apolinário e toda sua parentela, estabelecida nos sertões da Comarca de Garanhuns, foram jurados de morte pelos filhos do padre Moraes. Eis a origem da perseguição, que ganhou fôlego após atentado conduzido pelo bandoleiro José de Moraes em agosto de 1850, na Fazenda Salubre, em cuja casa-grande residiam os pais, familiares e agregados do Barão de Atalaia.⁴

Entre as questões que ficaram sem resposta à altura da apresentação do trabalho, em 2017, estava a da identificação do local do desfecho daquela perseguição. Os jornais que noticiaram seus episódios, bem como a parca bibliografia que a menciona, não foram precisos e apontavam para a região sertaneja entre Bahia e Sergipe, próxima ao Rio São Francisco.

³ Baseado na tradição familiar e em documentos como o livro de assentos de Lourenço Bezerra Cavalcanti de Albuquerque (1780-1859), meu tetravô, considero que, ao longo do século XIX, boa parte do que hoje chamamos de Agreste Meridional de Pernambuco mantinha relações mais estreitas com os principais centros e portos alagoanos (Maceió, Penedo e Francês, por exemplo), que com o Recife.

⁴ Para uma compreensão dilatada do conflito entre os Moraes das Alagoas e os Cavalcante de Albuquerque do Sertão de Pernambuco, consultar: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Uma caçada medonha... Caderno do 29º Simpósio Nacional de História*. Brasília: Associação Nacional de História - ANPUH-Brasil, 2017.

Inicialmente, a notícia mais substancial que dispunha apanhara em Moreno Brandão. Em sua clássica *Historia de Alagôas*, de 1909, ele me dizia que o local da captura e do assassinato do bandoleiro seria “às faldas de uma serra, a Serra da Vacca”, em “um lugar solitário denominado Cipò de Leite” (Brandão, 1909:85).

Antes mesmo do evento em Brasília, tratei de procurar, em mapas antigos e recentes, lugar na vasta zona sertaneja à margem direita do São Francisco denominado Cipó de Leite. Ele existia e é, hoje, um acanhadíssimo povoado do município de Pedro Alexandre, no Nordeste da Bahia. Viajei para lá em 15 de abril de 2017, um Sábado de Aleluia, dando com muitos Judas dependurados em mastros cravados no entorno de rústicas vivendas, às margens da estrada que, bordejando a Serra Negra, liga os municípios de Poço Redondo, em Sergipe, e Pedro Alexandre, na Bahia.⁵

Tenho essa mania de buscar, nos lugares que serviram de cenário para os fatos que estudo, os vestígios ou, no mínimo, a ambientação que inspire minha pena de historiógrafo.

Fui ciceroneado em Pedro Alexandre e guiado ao Cipó de Leite por Orlando Nascimento Carvalho (Orlando de João de Ioiô), professor de Geografia, membro de tradicional família local, com quem estabeleci contato prévio, pedindo informações e ajuda. Ele fora amigo do meu padrasto, já falecido àquela altura. Estudioso e escritor dedicado ao tema do Cangaço, Alcino Alves Costa, meu padrasto, mantinha boas relações com as famílias daquelas raías, tão acossadas pelo bando de Lampião nas primeiras décadas do século XX.⁶

Orlando havia me adiantado não ter notícias de nenhuma Serra da Vaca naquela região. Mas, insistente que sou, precisava ir até o povoado e inquirir os mais velhos da localidade, tentando garimpar em suas memórias indicação de serra ou serrote que, no presente ou no passado, tivesse aquela denominação.

⁵ Viajei em companhia de familiares afeitos à História: minha mãe, Marilene Araújo de Barros, e meu tio Luiz Araújo de Barros. Deixamos a Rota do Sertão (SE-230), nas imediações do povoado Sítios Novos, e seguimos cruzando o município de Poço Redondo no sentido sudoeste, vencendo as rodovias contíguas SE-407 (Rodovia Clotilde Simões da Silva, popularmente conhecida como estrada de Santa Rosa do Ermírio) e SE-315. Esta estrada, da divisa com a Bahia até os arrabaldes da cidade de Pedro Alexandre, ganha a denominação BA-386 e perde (ou perdia) seu asfalto (ganhando, porém, em beleza, ao serpentear o sopé da Serra Negra e cruzar os pequenos cursos d'água que dali partem, como o Riacho do Cachorro).

⁶ Na sede daquele município baiano (sergipaníssimo em sua alma, diga-se), fomos bem-recebidos no casarão do coronel João Maria de Carvalho, por descendentes e familiares daquele patriarca. A senhora Ana Margareth Almeida Carvalho, neta do coronel, aguardava-nos com uma mesa farta e bem-posta. De lá, seguimos para Cipó de Leite, sempre na boa companhia do nosso anfitrião. Ao fim do dia, tivemos, ainda, uma calorosa despedida em casa de Orlando e sua esposa, Maria José Vasconcelos Barreto Carvalho, regada à excelente variedade de cachaças, frutas da época, café, bolos, doces.

“O Cipó” é uma vetusta povoação (remarcada nas rotas de bandos de cangaceiros), localizada no sudeste do município de Pedro Alexandre, próxima à margem direita do Rio Sergipe. Para lá, seguimos pela rodovia BA-305, um estirão de terra vermelho-amarelada que, passando pelo povoado, parte da sede municipal até a BR-235.

Dei com os burros n’água, e não com a Serra da Vaca. Das acreditadas pessoas com as quais conversei, incluindo a senhora Clotilde Benigna do Rosário (Tidinha), considerada a guardiã da memória da comunidade, nenhum miúdo indício da existência desse lugar ou de tradição que remetesse à bandoleiro diferente de Lampião e seus asseclas.

Não fossem os bons contatos estabelecidos no município de Pedro Alexandre e a oportunidade de melhor conhecer a região da Serra Negra, a viagem teria sido um fracasso.



Terreiro central e casario do Povoado Cipó de Leite, no município de Pedro Alexandre, na Bahia. Ao fundo, emoldurando a paisagem do lugarejo, a soberba Serra Negra, entre o nordeste da Bahia e o noroeste de Sergipe (Fotografia: Samuel Albuquerque, 15 de abril de 2017)

Os dias que se seguiram àquela viagem foram plenos em angústia. Não topara com a Serra da Vaca, como havia desejado. Tornei, então, às minhas notas de pesquisa, tentando garimpar algum indício negligenciado. Fui, assim, instado a ler o artigo “Os Morais: subsídios para sua história”, do escritor Tobias Medeiros, publicado em 1985, na *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Alagoas*. No acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que à época era por mim presidido, localizei o referido trabalho, no volume 39 da Revista do IHGAL, volume referente ao ano de 1984, e que fora publicado em 1985.

Tobias Medeiros, que colhe dados importantes sobre os irmãos Morais na tradição oral de Poço das Trincheiras, no sertão do Ipanema, em Alagoas, dizia-me com segurança que “[...] o último dos Morais foi assassinado por um senhor chamado Apolinário, perto do Rio

São Francisco” (Medeiros, 1985:145). Dizia-me, ainda, que a Serra da Vaca ficava em Sergipe.⁷

Ulysses Lins de Albuquerque, em *Um sertanejo e o sertão*, de 1957, ao registrar memórias familiares relacionadas ao seu bisavô materno Antônio de Siqueira, parente distante do coronel Apolinário e chefe político de Alagoa de Baixo (Sertânia), então distrito do município de Cimbres, também dizia-me que o lugar da agonia final do Moraes teria sido em Sergipe (Albuquerque, 1957:113). Havia, até então, dado pouco crédito à informação, considerando a confusa narrativa sobre os irmãos Moraes, levada a cabo pelo memorialista. Mas, ante o malogro da pesquisa de campo em Cipó de Leite, não podia me dar ao luxo de desprezar outras pistas, por menos críveis que fossem.

Lancei, então, no grande oráculo dos nossos tempos, o Google, as palavras-chaves “Serra da Vaca”, “Rio São Francisco” e “Sergipe”. Eis uma boa surpresa. Os resultados da busca me encaminharam à Plataforma Lattes, no *site* do CNPq, onde localizei referência ao trabalho de conclusão de curso *Aspectos geológicos, petrográficos e geoquímicos do Stock Serra da Vaca, Sistema Orogênico Sergipano*, de Douglas Barreto de Oliveira, apresentado em 2016, no curso de graduação em Geologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Correspondi-me com a orientadora do trabalho, a professora Maria de Lourdes da Silva Rosa, minha colega de UFS. Em princípios de maio, ela forneceu o mapa com a localização precisa da referida serra, que, não muito distante de Pedro Alexandre, fica ao sul do município vizinho de Canindé do São Francisco, noroeste de Sergipe, nas cercanias do Povoado Capim Grosso, mais precisamente.

Renovada a expectativa em divisar o cenário do encontro derradeiro entre o coronel Apolinário e o bandoleiro José de Moraes, agora sob a clara orientação dos geólogos da UFS,

⁷ Tobias Medeiros, que figura entre os atuais decanos da “Casa das Alagoas” (como é também denominado o IHGAL), é professor aposentado do Departamento de Direito da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), literato e autor de obras que registram memórias e histórias do sertão alagoano, notadamente de municípios da ribeira do Rio Ipanema, como Santana do Ipanema e Poço das Trincheiras. Tive a felicidade de, na tarde de 08 de fevereiro de 2023, ser recebido pelo escritor Tobias Medeiros, em seu acolhedor apartamento, no Bairro do Farol, em Maceió, para uma longa prosa sobre as peijas dos irmãos Moraes. O encontro foi intermediado pelo amigo e confrade do IHGAL, o secretário perpétuo Álvaro Queiroz. Em uma varanda inundada pela brisa do mar e pela paisagem do Porto de Jaraguá, ouvi atentamente o anfitrião de 89 anos incompletos, voz baixa e pausada, que me fazia lembrar um padre velho e bondoso. Medeiros ressaltou, na tradição oral que colhera sobre os Moraes, o papel de Adélia Rocha Wanderley, prima-irmã de sua mãe, mulher bordadeira, de memória privilegiada e modo bem peculiar de narrar fatos históricos que vira ou ouvira falar. Adélia teatralizava suas histórias, em longos serões noturnos, à volta de graúda mesa e à luz de candeeiro alimentado por querosene. As histórias que ouvira na infância, foram, em parte, registradas por Tobias Medeiros, naquele tão interessante artigo de 1985. Desde aquela luminosa tarde de fevereiro, não perdemos mais contato. Os telefonemas e trocas de livros se tornaram frequentes. Fiz um amigo, graças aos sanguíneos Moraes.

planejei para um dos feriados de novembro de 2017 uma nova “entrada” pelos sertões. Os compromissos e a rotina do trabalho acadêmico não me permitiriam fazê-lo antes da ida à Brasília, em julho.

Passados alguns meses desde a apresentação no Simpósio Nacional de História, regressei ao sertão sergipano no feriadão de Finados. Era uma manhã luminosa e “ardente” de sábado, 04 de novembro de 2017, quando aprumei para o Povoado Capim Grosso, em Canindé do São Francisco.⁸

Minha experiência no Capim Grosso teria pouca valia se não tivesse tido a sorte de cruzar o caminho de três filhos daquela terra: os senhores Ademir Cardoso dos Santos, João Cardoso dos Santos (João de Fausto) e Osman Esteves Bezerra.

Logo à entrada do povoado, conheci e puxei conversa com o senhor Ademir Cardoso dos Santos, bisneto do afamado João Marinho, antigo fazendeiro daquelas paragens sertanejas. Ele me indicou seu tio João de Fausto, um pequeno proprietário rural e afamado rezador da região, morador do “lado de lá” da Serra da Vaca, como pessoa que poderia me valer. Foram suas as palavras: “Procura João de Fausto, conversa com ele, que ele é que sabe de tudo aqui”.

No mais, apontando para a borda sul do povoado, onde se avista a Serra Negra, Ademir explicou-me que a antiga estrada para Pedro Alexandre, na Bahia, ainda é bastante percorrida, apesar das dificuldades no trânsito de carros de passeio durante períodos chuvosos. Depois, via Google Maps, descobri que, tomando aquela estrada, menos de 70 quilômetros separam Capim Grosso e Cipó de Leite, nos municípios vizinhos de Canindé do São Francisco (Sergipe) e Pedro Alexandre (Bahia).

Antes de seguir a orientação do senhor Ademir e procurar por seu tio João de Fausto, fui ao encontro de outro morador do povoado, o senhor Osman Esteves Bezerra, com quem conversara por telefone na tarde de 17 de junho, por intermédio de um estagiário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o canindeense Jefferson Matheus Lima dos Santos. Já

⁸ Mesmo tendo vivido parte da infância e da juventude ali perto, na cidade de Poço Redondo, não conhecia o Capim Grosso e sua gente. O nome do povoado, ainda assim, era sonoro aos ouvidos de um antigo ouvinte da Rádio Xingó FM, que, recorde, veiculava propagandas de estabelecimentos comerciais daquela localidade. Passadas mais de duas décadas (desde que me estabeleci no Aracaju), eis que o ofício de historiador conduziu-me por lugares que desconhecia no Sertão do São Francisco. Na boa companhia de Maria Eliene Costa (Lena de Bernadete), sobrinha do meu finado padraсто Alcino Alves Costa, deixei a casa de minha mãe, no centro da sede do município de Poço Redondo. Seguimos pela Rota do Sertão (SE-230) no sentido noroeste (até a sede do município de Canindé) e, depois, sudoeste, até o acesso à SE-403 (Rodovia Gentil Barbosa). Vencidos os 10 quilômetros dessa última rodovia (socorrida em 2008 e ainda em bom estado àquela altura), chegamos ao Capim Grosso.

sabia que Osman desconhecia a sangrenta história que me interessava. Todavia, ele se dispusera a me acompanhar até a Serra da Vaca, nos arrabaldes do povoado.

Tomamos, então, a estrada de terra que, correndo para noroeste, liga o povoado Capim Grosso à rodovia estadual SE-310, mesma estrada pela qual, posteriormente, seguiríamos até a casa de João de Fausto, passando por graúdas e miúdas propriedades rurais, cruzando cursos secos d'água, como o Riacho Lajedinho, e avistando serras e serrotes meio encobertos pela maltratada caatinga.⁹

Ao ponto em que a estrada mais se aproxima da Serra da Vaca, cerca de quatro quilômetros desde o seu princípio, estacionamos e nos embrenhamos por picadas abertas em propriedades de pessoas amigas do nosso ciclerone. Sob o sol do Sertão do São Francisco, palmilhei parte do sopé sudoeste da serra e, julgando-me já bastante íntimo do cenário (conclusão influenciada pelo árido contexto), retornamos ao carro e seguimos ao encontro do acreditado João de Fausto.

Confesso que não nutria expectativa de garimpar na tradição do lugar referência ao bandoleiro José de Moraes. Afinal, já havia se passado mais de século e meio desde a perseguição de 1851. Além disso, a tradição oral vem sendo, grosso modo, sepultada junto às pessoas mais velhas das comunidades sertanejas, haja vista que as novas gerações pouco se interessam por essas “histórias dos tempos antigos”. Mas fui surpreendido.

Refletindo, depois, sobre o encontro com João de Fausto, conclui ter sido um dos mais enriquecedores da minha vida de pesquisador. Conheci um homem sábio e dotado de uma memória privilegiada. Tudo o que levantara nos jornais oitocentistas de Pernambuco, de Alagoas e do Rio, no arquivo do IHGAL e na parca bibliografia sobre o desfecho daquela perseguição, João de Fausto relatou-me de memória, ao seu modo e acrescido de detalhes surpreendentes.

Sequer cheguei a esboçar e aplicar um questionário. Bastou-me, depois de devidamente apresentado por Osman, dizer-lhe que estava estudando o assassinato, ocorrido em tempos muito idos, de um certo bandoleiro chamado Moraes.

O velho rezador, de 84 anos incompletos, parecia mesmo estar precisando de atenta plateia para as histórias que ouvira na infância, narradas principalmente por Chico Gomes, um vaqueiro da região, primo carnal de seu pai e agregado da família. Era nítida sua satisfação

⁹ A propriedade onde residia João de Fausto ficava em terras contíguas às do antigo Sítio do Brejo, conhecidas como Pias do Serrote Vermelho, no Povoado Capim Grosso, em Canindé do São Francisco, Sergipe.

em ter o que contar e em ter quem ouvisse suas histórias. Deixei-o à vontade. A prosa (quase monólogo) se arrastou por mais de uma hora. Com sua autorização, gravei e, posteriormente, transcrevi todo o testemunho.¹⁰

Entre as revelações de João de Fausto, estava uma das emendas para o percurso terrestre que eu buscava reconstituir. Segundo ele, acossado por “Apilionário” e seu grupo, José de Moraes esteve embrenhado nas matas do Cipó de Leite, antes de passar às fraudas da Serra da Vaca, ali perto. Esse testemunho converge com o que consta na página derradeira do manuscrito intitulado “Relação dos assassinatos, roubos e incendios praticados pelos sceleratos irmãos Manoel de Araujo Moraes e José Caetano de Moraes e Araujo [...] [entre 1845 e 1847]”, documento da lavra do capitão-mor de Palmeira dos Índios, Manoel Antônio Pereira Júnior, preservado no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Conforme esta fonte coeva, o último dos Moraes conseguiu escapar aos seus perseguidores em encontro que tiveram nas imediações da Serra Negra, “[quando] se meteu pelos matos; mas sem guia e ignorando aquelles lugares, andou errante mais de 48 horas, até que foi encontrado pelos inimigos que o seguiam, e que barbaramente o assassinaram” (Pereira Júnior, s/d:28).

O velho João de Fausto tinha, ainda, outra carta na manga para me surpreender. Mesmo cego, indicou a direção e descreveu o pequeno serrote, contíguo e na borda oeste da Serra da Vaca, onde teria sido o exato local da captura e sacrifício de José de Moraes. Não por acaso, mas para minha surpresa, o pequeno serrote, à sombra da Serra da Vaca, chama-se, ainda hoje, Serrote do Moraes.



¹⁰ Os depoimentos colhidos no Capim Grosso, com os senhores Ademir Cardoso dos Santos e João Cardoso dos Santos (João de Fausto), em 04 de novembro de 2017, foram gravados e, posteriormente, transcritos por mim. Eles estão arquivados no Fundo IHGSE, do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na caixa referente às ações da presidência no ano de 2017.

João Cardoso dos Santos (João de Fausto) e o historiador Samuel Albuquerque, no alpendre da casa do depoente, nas Pias do Serrote Vermelho, Povoado Capim Grosso, em Canindé do São Francisco, Sergipe
(Fotografia: Samuel Albuquerque, 04 novembro de 2017)



O Serrote do Morais e a Serra da Vaca, vistos a partir da estrada que liga a rodovia estadual SE-310 ao Povoado Capim Grosso, em Canindé do São Francisco, Sergipe
(Fotografia: Samuel Albuquerque, 04 novembro de 2017)

Não contive-me e, depois do impactante encontro com João de Fausto, voltei à Serra da Vaca e fui até o pedregoso serrotinho, coberto parcialmente de catinga e temido por ser morada de muitas famílias de cascavéis. Passara por ele mais cedo, sem dar-lhe importância alguma.

Se o malassombro do Morais ainda ronda o serrote, não tive como atestar. Sequer havia ali uma solitária cruz, rememorando o medonho fim do facínora. Na verdade, estive bem mais temeroso com a presença de cobras, aparentadas, quem sabe, daquela que lhe servira de última refeição, em agosto de 1851. Ao menos, é o que reza a lenda: José de Morais, faminto e exausto, devorava uma serpente que matara ou encontrara morta, no local em que fora capturado.

A descoberta do local do desfecho da perseguição ao bandoleiro José de Morais ilumina não apenas um episódio sangrento da história das guerras entre famílias e da história do banditismo no Brasil oitocentista, uma espécie de Proto-Cangaço. Acredito que a tradição preservada nos sertões de Alagoas e de Sergipe, e registrada por autores como Moreno Brandão e Tobias Medeiros, também alcançaram páginas importantes na nossa literatura.

Em texto de princípios da década de 1930, intitulado *Lampião*, Graciliano Ramos parece ter se inspirado na tradição em torno de José de Morais para caracterizar o

“lampionismo” dos sertões nordestinos. Nesse sentido, sobre o *modus vivendi* cangaceiro, registrou: “Marchas infinitas, sem destino, fome, sede, sono curto nas brenhas, longe dos companheiros, porque a traição vigia...”; “Quando a polícia o apanhar, ele estará metido numa toca, ferido, comendo uma cascavel ainda viva” [(Ramos, [1931] 2014:29)].

Eis uma descrição muito similar ao momento derradeiro do bandoleiro José Caetano de Moraes, preservada também na tradição oral, que colhi na fonte, no testemunho do velho João de Fausto, rezador cego das Pias do Serrote Vermelho, nas imediações do Povoado Capim Grosso, em Canindé do São Francisco, Alto Sertão Sergipano.

Referências

FONTES IMPRESSAS, MANUSCRITA E ORAIS CITADAS

BRANDÃO, Moreno. *Historia de Alagoas*. Penedo: J. Amorim, 1909.

MEDEIROS, Tobias. Os Moraes: subsídios para sua história. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, vol. 39/1984, p. 139-146, 1985.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. *Um sertanejo e o sertão*: memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

RAMOS, Graciliano. Lampião. *Novidades*. Maceió, n. 3, p. 3, 25 abr. 1931. In: _____. *Cangaços*. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 27-30.

PEREIRA JUNIOR, Manoel Antonio. *Relação dos assassinatos, roubos e incendios praticados pelos sceleratos irmãos Manoel de Araujo Moraes e José Caetano de Moraes e Araujo; e seu cunhado Luiz de Araujo Jucá e os manos deste[.] Fausto Jose de Araujo e Jose Zeferino Cabral (vulgo Jose Casado) e outros em numero variado, durante as insanguentadas administrações do senador Caetano Maria Lopes Gama e do brigadeiro graduado Henrique Marques Lisboa [, entre 1845 e 1847]*. [Alagoas], s/d. 28 f. (Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, caixa 18, pacotilha 01, documento 44, número geral 01346).

SANTOS, Ademir Cardoso dos. *Depoimento concedido ao autor*. Capim Grosso, Canindé do São Francisco/SE, 04 nov. 2017 (Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Fundo IHGSE, caixa Presidência-2017).

SANTOS, João Cardoso dos (João de Fausto). *Depoimento concedido ao autor*. Capim Grosso, Canindé do São Francisco/SE, 04 nov. 2017 (Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Fundo IHGSE, caixa Presidência-2017).

MEDEIROS, Tobias. *Depoimento concedido ao autor*. Maceió, 08 fev. 2023 (Arquivo particular Samuel Albuquerque).